

James Stewart

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 31)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal) Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

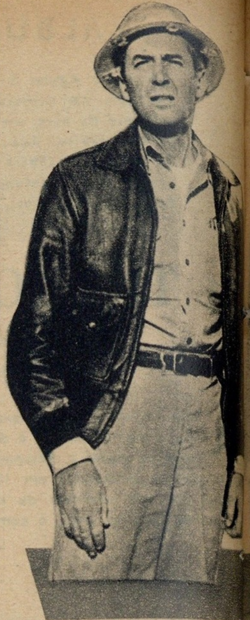
O TIMIDO DE HOLLYWOOD — heroi do cinema e da vida

A loja de ferragens de Alexander Stewart era a melhor sortida e de mais clientela de toda a Passadena. Fundada pelo pai de Alexander em 1853, no que então era um subúrbio da cidade, havia adquirido com os anos, e com os esforços e a simpatia pessoal de pai e filho, grande popularidade. As pessoas gostavam de comprar ali porque, além de terem sempre o





James Maitland Stewart nasceu a 20 de Maio de 1908. Filho de um comerciante de ferragens, destinara-lhe o pai essa mesmo profissão, já tradicional na família. Mas Jimmy escolheu para si um futuro bem diferente, e tornar-se-ia um dos «astros» mais populares do cinema. Tem interpretado diante das câmaras as mais diversas figuras, desde o «cow-boy» justiceiro ao saudoso chefe de orquestra Glenn Miller. A todas elas imprime o excepcional nível interpretativo que fez dele um actor de eleição.





que necessitavam, sabiam que iam passar uns momentos divertidos ouvindo o velho Stewart, homem pitoresco, que havia vivido bastante e que tinha sempre uma graça ou uma anedota saborosa para contar. Quando o velho morreu, seu filho, Alexander, que havia herdado a simpatia e a laboriosidade de seu pai, lutou por conservar a clientela e ampliar o negócio. Conseguiu-o, favorecido, além disso, pelo aumento da cidade, que ao estender-se deixava situada mesmo ao centro a pequena lojita.

Alexander era feliz. O seu negócio prosperava, a sua mulher aguardava o primeiro filho e tudo parecia sorrir-lhe naquela primavera de 1908. Um dia em que Mary, sua esposa, estava, como de costume, a desempenhar as suas funções de caixeira na loja, sentiu-se repentinamente indisposta. Alarmado, Alexander chamou imediatamente o médico que, apenas a consultou, a aconselhou a que entrasse para o hospital.

— Mas, doutor... Se não é ainda o tempo... — balbuciou, atrapalhado, Alexander.

— Isso di-lo você, amigo Alexander... Mas eu asseguro-lhe que o rapazito não tardará duas horas a vir ao mundo.

Assim foi, com efeito. Naquele dia 20 de Maio de 1908, às cinco da tarde, sem causar qualquer moléstia, tìmidamente fazia a sua entrada no mundo uma criança flácida e extraordinàriamente grande. Era um varão, um varãozito que encheu de orgulho o seu pai e a que puseram o nome de James. A casta dos Stewart estava assegurada, a loja já tinha sucessor. Alexander, como todos os pais em tais circunstâncias, começou a fazer planos para o futuro do seu filho.

— Quero que o rapaz estude a carreira de comércio, Mary, que adquira os conhecimentos que nos faltaram a meu pai e a mim. Já sei que vais dizer-me que não nos fizeram falta demasiada para seguir para a frente... Mas agora os tempos são outros, muito outros... E eu quero que o negócio continue a prosperar. Estou certo de que, se meu pai pudesse ver o que consegui fazer da humilde lojeca que ele fundara, sentir-se-ia orgulhoso de mim. Pois bem: eu também quero sentir-me orgulhoso de meu filho, um dia. Com os seus estudos e a minha experiência, se viver até então, o pequeno e eu poderemos fazer grandes coisas na vida... Quem sabe se fundaremos uma rede de lojas de ferragens em todo o país... Não é má ideia, não é verdade, querida?

Mary sorriu e, como sempre, aprovou o que sugeria o seu esposo. Tinha grande confiança nele e estava segura de que o que Alexander dispusera para o seu filho, seria, indubitàvelmente, o melhor.

O pequeno Jimmy era um rapazito demasiado alto para a sua idade e tão fraco que parecia uma lombriga. Era de carácter tímido e duma ingenuidade talvez excessiva. Parecia andar sempre um pouco desorientado na vida. Não sabia o caminho certo que desejava. Duma só coisa estava seguro: o futuro na loja de seu pai não o entusiasmava. Muito depressa, talvez demasiadamente depressa, começou a demonstrar mais entusiasmo por outras coisas diferentes da



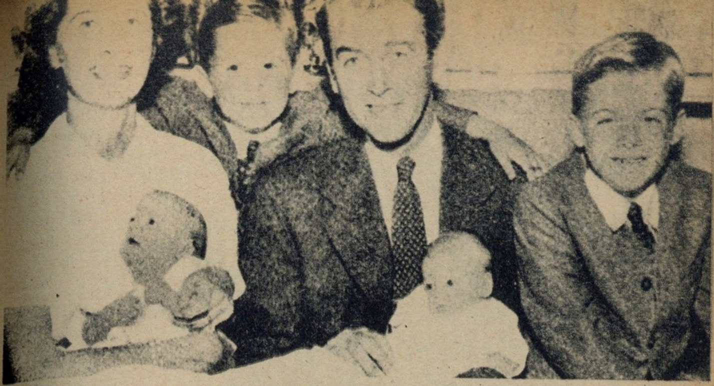
.tarefa de vender pregos e serradura. A aviação, sobretudo, fascinava-o: cada vez que via voar um avião por cima da sua casa, dizia a si mesmo: «Quando for crescido eu também terei a minha avioneta e cruzarei o céu sempre alto, mais alto...». Aos catorze anos por pouco que não partiu a cabeça, ao tentar voar numa espécie de aeroplano construído por ele com troços de madeira. Esta primeira experiência de voo mitigou um pouco o seu entusiasmo. Durante a convalescença, sentiu despertar nele o entusiasmo pelo teatro e pela música. Assim que se restabeleceu, montou no sótão de sua casa um pequeno palco e, junto com os outros rapazes da sua idade, companheiros de colégio, deu uma série de representações a que assistia todo o bairro. Durante algum tempo, pareceu que aquele devia ser o verdadeiro caminho a seguir. Mas ràpidamente a sua própria insatisfação o levou a desejar estudar a carreira de técnico electricista. Matriculou-se na Universidade de Princetown e obteve o seu título nesse ramo. Mas ainda não havia saído da Universidade, quando se deu conta de que havia tomado um caminho falso, e decidiu trocar de profissão. Estudou ciências políticas. Fracassou. E novamente iniciou outros estudos. Desta vez foi a arquitectura o que tentou o indeciso Jimmy. O seu pai observava, alarmado, todas estas trocas.

— Não compreendo o que se passa com Jimmy, querida — disse um dia a sua esposa. — Nem compreendo a quem pode haver saído este meu filho. É indeciso, entorpecido, não sabe o que quer e parece estar sempre nas nuvens. Só uma coisa é certa: não pode suportar a loja nem nada de quanto se relaciona com o negócio. Também é desgraça minha... Um filho único... e que aborrece o negócio... Este negócio que é toda a minha vida...

2 caras
— o mesmo homem

O galãzinho com cara de adolescente tímido cara de adolescente tímido e bom rapaz que vemos à esquerda, e o senhor de rosto meio bonacheirão e cabelo embranquecido que está em baixo, são o mesmo James Stewart, apenas separados por um espaço de cerca de trinta anos. Apesar da idade, Jimmy continua a ser um dos actores favoritos dos cinéfilos, e os seus filmes são sempre êxitos de bilheteira.





Uma foto do álbum da felicidade doméstica de James Stewart. Nela vemos o grande artista com sua mulher, Glória, os dois filhos do casamento anterior desta, e as duas pequenas gémeas, filhas do casal.

— Não creio que devamos preocupar-nos demasiado, Alexander — respondeu a mãe. — Jimmy é muito novo ainda; não saber o que deseja fazer na vida, é próprio da idade. Além disso, se realmente o rapaz não sente interesse pelo negócio, creio que não devemos impôr-lho... Já sei que tu sempre havias pensado que o teu filho trabalharia contigo... Mas, concorda, não podemos obrigar os nossos filhos a ser o que nós queremos que sejam... Eles têm o direito de escolher. Ao fim e ao cabo, trata-se da sua própria vida...

— Sim, Mary, bem sei, tens razão... Mas eu tinha tantas esperanças neste rapaz; queria que meu filho fosse a continuação de mim mesmo... Se ao menos eu visse nele uma vocação firme por... enfim... fosse pelo que fosse... Mas este titubear, este passar duma coisa para a outra... Tão depressa quer ser actor — imagina, meu filho... cómico! — como técnico electricista, como aviador... E agora este novo capricho de estudar para arquitecto... Tu achas que isto tem pés e cabeça? Achas que conduz a algum caminho este gastar de dinheiro sem tom nem som? Na idade que tem, já deveria ter escolhido uma profissão, fosse qual fosse...

— Tem paciência. Deixa que o rapaz decida por si próprio. Talvez a arquitectura seja a sua verdadeira vocação...

Só graças à intervenção de sua mãe pôde Jimmy iniciar os seus estudos de arquitecto. Durante um ano estudou intensamente, alternando as classes com as representações teatrais no «Clube Dramático» da Universidade. Passado o primeiro ano sem o perder, Jimmy começou a ocupar-se mais do seu trabalho nos palcos que das lições dos catedráticos. Os ensaios, a leitura das novas obras, a escolha dos actores, ocupavam todo o seu tempo. Com uma paixão e uma tenacidade que não havia demonstrado



James, que foi durante muitos anos o mais «apetecível» solteirão de Hollywood, teve, no início da sua carreira, uma fervorosa e inesquecível paixão pela actriz Margaret Sullavan. Só muito mais tarde, com perto de 50 anos, voltou a interessar-se profundamente por uma mulher, Glória Hatrick Mc Lean, divorciada, a quem decidiu unir-se pelo casamento. Ei-lo a assistir a um desafio nocturno de basquetebol.

até então, Jimmy entregou-se à arte teatral por inteiro. Descuidou totalmente os seus estudos e, um dia, o seu professor enviou uma nota a seu pai, notificando-lhe o que estava a acontecer.

Alexander perdeu as estribeiras. Fechou-se com o seu filho no escritório da loja e, encarando-o austeramente, lançou-lhe a reprimenda mais séria de toda a sua vida.

— Mas, vamos a ver, rapaz: achas que o teu pai pode gastar o dinheiro assim ao capricho das tuas excentricidades? Custou-me muito esforço atingir a posição que temos. A minha vida não foi muito fácil e não estou disposto a que meu filho gaste mal o que eu ganhei com o suor do meu rosto. De modo que se acabaram os estudos, não voltarás à Universidade. Amanhã mesmo começarás a trabalhar na loja, como é teu dever.

— Mas, papá! — protestou Jimmy. — A loja... o negócio... não me agradam...

— Gostes ou não, seguirás a tradição dos Stewart sendo comerciante.

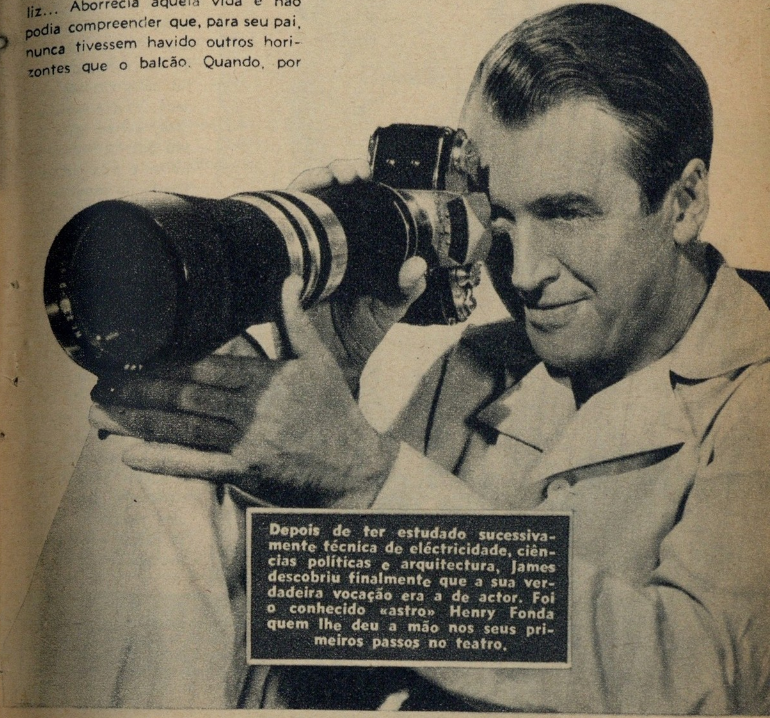
— Mas, deixa-me que explique, papá — disse Jimmy com aquela espécie de gaguez inata que o impedia de articular duma só vez as palavras. — Eu queria... Penso muito, sabes?... Agora é de verdade... Creio... creio que quero ser actor... Sim, isso é o que mais desejo neste momento...

— Actor? Suponho que brincas, filho... Tu, actor? Mas se não reúnes nenhuma condição...

— Não brinco, papá... Desta vez não. O teatro apaixona-me... É a primeira vez que me sinto seguro de qualquer coisa...

— Pois também é a primeira vez que digo «não» a um capricho teu... — respondeu Alexander no cúmulo da irritação. — Trabalharás na loja comigo.

Desta vez não valeu nada a Jimmy a intervenção de sua mãe. Alexander mostrou-se inflexível, e, às nove da manhã do dia seguinte, o rapaz teve de fechar-se na loja. Aquele primeiro dia foi esgotante para Jimmy. As horas passavam lentamente, monotonamente... As pessoas entravam, saíam, pediam coisas que ele não sabia onde estavam, conversavam, brincavam... e ele sentia-se profundamente infeliz... Aborrecia aquela vida e não podia compreender que, para seu pai, nunca tivessem havido outros horizontes que o balcão. Quando, por fim, despachou a última dezena de pregos que lhe pediu um cliente, Jimmy saiu para a rua... Necessitava respirar, pensar, meditar na maneira de escapar a tudo aquilo... Passeou durante muito tempo pelas ruas da cidade. Tinha agora vinte e um anos, a cabeça cheia de sonhos e os caminhos que lhe abriam as possibilidades de os realizar, fechados por todos os lados. Não depreciava de modo algum a profissão dos seus pais. Ser comerciante não era nada desonroso, nem sequer podia considerá-lo vulgar, mas era tão aborrecido! Martirizava-o a ideia de



Depois de ter estudado sucessivamente técnica de electricidade, ciências políticas e arquitectura, James descobriu finalmente que a sua verdadeira vocação era a de actor. Foi o conhecido «astro» Henry Fonda quem lhe deu a mão nos seus primeiros passos no teatro.



passar os meses, os anos, sem outra perspectiva, sem outros horizontes. Uma frase de reprimenda de seu pai atormentava-o incessantemente: «Tu, actor? Mas se não reúnes nenhuma condição, meu filho». Por muito que lhe doesse, James tinha de reconhecer que, nisso, não faltava razão ao honrado comerciante. Depois de dar voltas e voltas pelas ruas da cidade, regressou a casa, correu para o seu quarto, fechou a porta e pôs-se em frente do espelho.

Na verdade, Alexander Stewart tinha razão. O orgulho paternal não o cegava. James via reflectida no espelho a figura dum rapaz magro, afilado, que inclusivamente aparentava menos idade do que tinha e podia muito bem passar por um desses adolescentes crescidos prematuramente, a quem ficam pequenas todas as calças e todas as mangas. Um conjunto de figura sem graça nem harmonia nos movimento e, como remate, uma cabeça excessivamente pequena, um rosto de feições insignificantes, bastante irregulares e inexpressivas, e uns olhinhos claros e pequenos. Não, não. Nenhuma condição física para o palco. Nenhum poder expressivo nem atributos de personalidade. Mas isto de possuir uma personalidade marcante era o supremo anseio do aspirante a actor. Quanto às qualidades interpretativas, o jovem James não podia naquela época avaliá-las, nem compreender o que possuia dentro de si próprio.

O cinema ganhou bastante quando o jovem Stewart decidiu abandonar a loja de ferragens para ingressar numa companhia de teatro. Hoje, ele é dos mais extraordinários artistas da tela. De uma naturalidade desconcertante, a sua máscara atinge, nos momentos altamente dramáticos, um poder expressivo verdadeiramente arrebatador.

Assim, durante algum tempo, integrou-se na disciplina da loja e conseguiu, até, tornar-se simpático à clientela. Era frequente ouvir murmurar aos clientes, sobretudo às clientes:

— Este filho dos Stewart não deixa de ser simpático... Claro que nunca terá o atractivo de seu pai... — dizia uma.

— Nem o de seu avô! — interrompia outra, mais idosa.

— Sim, é agradável — intervinha a mais jovem. — Às vezes parece que está um pouco alheado, como se sonhasse acordado... Talvez seja tímido... Mas é atraente... Tem um não sei quê...

Era a «voz do povo» que falava, e nela havia um vaticínio latente. Pois esse «não sei quê» que lhe encontrava a jovem compradora, haviam de encontrar, mais tarde, todas as cinéfilas do mundo.

Mas isso, por enquanto, ninguém o sabia. Nem as clientes da loja nem os pais de James, já convencidos de que o jovem voltara à razão e estava disposto a continuar no negócio familiar; nem finalmente o próprio James, que desafogava o seu entusiasmo assistindo a quantas representações de dramas, comédias ou revistas se lhe ofereciam na sua cidade natal. Na intimidade, recitava poesias, iniciava-se na aprendizagem de acordeão, instrumento que, daí em diante, havia de ser uma das suas distracções preferidas. Não esquecia o teatro, nem a dança, nem a música, nem os desportos, nem nenhuma daquelas coisas que constituiam o seu ideal e que o ajudavam a suportar, resignadamente, aquela vida monótona e disciplinada.

Este esforço da sua parte bem merecia, naturalmente, umas boas férias. Umas férias na praia, perto do mar, que se não é sempre onde melhor se vive, é, pelo menos, onde melhor se sonha.



James tem contracenado com muitas das mais belas mulheres do cinema, que são também suas dedicadas amigas. Uma das mais recentes foi a bela Kim Novak, com quem aparece no filme de Hitchcock, «Vertigem».

— Sim, homem, sim. Vai para a praia. Dança, nada, diverte-te... e não tenhas pressa de voltar — disse-lhe o pai, num dia de verão. — Por dinheiro não te preocupes, que bem o ganhaste. Ao fim e ao cabo és um Stewart! E os Stewart não estão falidos. Assim como digo uma coisa, digo outra: se alguém tem direito a umas esplêndidas férias... esse alguém é o meu filho...

Jimmy não quis ouvir aquilo duas vezes.



A temperamental June Allyson foi considerada, há pouco tempo, a «esposa cinematográfica perfeita» de James Stewart, depois de terem interpretado juntos «Nem sempre o coração manda» e «A história de Glenn Miller». Uma forte amizade une os dois artistas, que vemos aqui numa elegante «première».

Foram realmente umas férias maravilhosas... e decisivas para a carreira do rapaz. Corria o verão de 1929. Era o momento da euforia dos «felizes vinte anos», e a praia estava repleta de atractivos: diversões, espectáculos, personalidades relevantes do teatro e do cinema que filmavam, representavam, ou simplesmente dançavam, jogavam e se divertiam. Nos primeiros dias, a timidez natural de James paralisou um pouco o seu ímpeto juvenil, o seu anseio de viver. Mas, pouco a pouco, o ambiente pôde mais do que ele, e a sua simpatia natural, esse «não sei quê» que por cima de toda a timidez o tornavam atraente, levaram-no a travar amizade com gente mundana, entre a qual algumas figuras célebres do mundo do espectáculo.

Entre estas contavam-se Henry Fonda e Margaret Sullavan, que naquele momento se preparavam para montar um espectáculo teatral. Ràpidamente sentiram sincera amizade pelo jovem Stewart, que não lhes ocultou nem a sua condição de lojista, filho de lojistas, nem as suas aspirações e sonhos de admirador das artes interpretativas, e revelando, claro está, as suas aspirações a actor de teatro, do cinema e até do circo, se encontrasse uma oportunidade.

— Com esta minha cara tão vulgar e as minhas escassas condições físicas para me distinguir num palco — dizia aos seus novos amigos, recordando-se do seu pai e... do espelho — a que outra coisa posso aspirar se não a ser um palhaço... ou, melhor, um faz-tudo de circo?

Eles riram-se muito e viram em James uma ingenuidade pouco comum... além de que não deixava de haver um «não sei quê»... Mas no caso do próprio Jimmy, o «não sei quê» daquele instante era muito mais sério, mais profundo. Sentia-se preso do seu primeiro amor. Margaret havia-o fascinado desde o primeiro momento, mas como atrever-se a olhar cara a cara para uma estrela, sem perigo de cegar? Os seus poucos anos, a sua timidez natural, a vulgaridade e a modéstia da sua posição no mundo impediam-no de expressar os seus sentimentos.

Não falava, e não havia nada que pudesse revelar a sua paixão cada dia crescente... Mas não dava por terminadas as suas férias nem mesmo quando se lhe acabou o dinheiro concedido para elas por Alexander Stewart. O prudente era voltar a Passadena... Mas James não queria voltar. Os seus amigos viam-no preocupado e não conseguiam compreender o que se passava. Por fim, Henry conseguiu arrancar-lhe um princípio de confissão.

— Há muitos dias que teria que regressar a Passadena, à loja, sabes? Meus pais são muito bons, não merecem isto... Mas é-me impossível. Depois de conhecer a verdadeira vida, esta vida que levei convosco, aquela causa-me horror...

— Bom, rapaz — respondeu Henry. — Não acredites que a existência de artista desliza num caminho de rosas. Certamente será mais tranquila e agradável a de lojista...



DRAMA NAS ALTURAS!
Quatro aspectos de uma cena do filme «Nem sempre o coração manda», em que James, no papel de um destemido aviador, nos dá momentos de grande intensidade dramática.



NASCE UM ÍDOLO!
Uma película de Jimmy rodada há 16 anos, «A Cidade Turbulenta», cuja «vedeta» era Marlène Dietrich. Stewart dava, então, os seus primeiros passos no caminho da celebridade, criando um novo tipo de galã, tímido e fisicamente desajeitado, mas com um singular atractivo.

— Não é tranquilidade nem comodidade o que eu desejo... Com gosto mudaria, garanto-te, para o último dos vossos discípulos. Se ao menos servisse para palhaço!

E o certo é que James não regressou a Passadena. Procurou arranjar as coisas com os seus pais mediante cartas «que partiam o coração» (foi a opinião dalgumas clientes da loja de ferragens, a quem a senhora Stewart as deu a ler confidencialmente), falando da sua «vocação irreprimível», da sua «paixão artística», etc., etc., e confessando que aceitara um modesto papel que lhe ofereceram os seus amigos no espectáculo que havia de estrear-se poucos dias depois.

— Ao menos terás o gosto de aparecer em cena. E se não servires... a experiência também vale para alguma coisa.

Assim falaram os amigos de James. Ele encolheu os ombros. Na realidade, não era já o teatro o que lhe importava para ir vivendo. O que o importava, fosse por que preço fosse, era não se separar de Margaret. Não sabemos se realizou aquele supremo esforço sobre a sua timidez genuína pela força deste amor, ou porque, na realidade, o subconsciente lhe disse que aquele papel, quase insignificante, era o ponto de partida do descobrimento da sua personalidade, do seu caminho até à meta sonhada. Não era um papel brilhante e, portanto, não houve ocasião para essa «revelação fulminante» dum artista, de que tanto se tem abusado. Mas o jovem Stewart saiu da experiência airosamente, e depois do pequeno papel, obteve outro e outro.

A sua aprendizagem no palco durou uns três anos aproximadamente. Ao fim deles e graças à sua excelente interpretação na obra «Goodbye again» (Outra vez adeus),



incluído na companhia «Falmputh Piayers», James consagrou-se definitivamente à carreira de actor profissional, com êxitos sempre progressivos. Apesar da sua timidez, a sua natural inteligência impôs-se. E muito depressa, quase sem se dar conta do que acontecia, encontrou-se dirigindo um pequeno teatro de Boston. Os seus sonhos realizavam-se. Durante alguns anos trabalhou incansàvelmente, concentrando toda a sua vida e todo o seu ardor juvenil no teatro. Não tinha podido esquecer Margaret, e embora não desdenhasse acompanhar alguma linda rapariga para jantar ou para dançar, na realidade, permanecia fiel àquele seu primeiro e único amor. Era um amor que só lhe proporcionava sofrimentos e torturas. Margaret não era livre e James supôs, desde o primeiro instante, que não haveria esperança alguma para ele. Mas não podia subtrair-se ao fluxo que emanava daquela mulherzinha um pouco mais alta do que ele, de rosto doce e melancólico, que jamais soube daquele grande amor que havia inspirado. Pois, leal e honrado em toda a sua integridade, James não deixou escapar dos seus lábios nem uma só palavra que poderia aborrecer ou ofender a sua amada. Uma sincera amizade unia-os desde os dias já longínquos em que se conheceram na praia, durante as suas férias. E para Jimmy foi

UM PAPEL PARA UM GRANDE ACTOR!
O papel que Hitchcock entregou a James no seu primoroso filme «A janela indiscreta», só poderia ser interpretado por um actor excepcional. Toda a acção da película se concentrava nele — um fotógrafo paralizado no seu apartamento por uma perna envolvida em gesso, que espia o enervante desenrolar de um crime. Stewart, secundado por Grace Kelly, deu-nos uma interpretação magistral, que só por si definiria um grande artista.

um grande consolo esta amizade. E uma grande ajuda também. Pois graças a Margaret, logrou a meta sonhada de todo o actor: trabalhar na Broadway. Margaret, actriz já consagrada, tinha amizades influentes no mundo teatral e foi-lhe fácil conseguir um contrato vantajoso para o seu amigo num dos mais concorridos teatros da Broadway.

— Mas, Margaret... não achas que isso será demasiado para mim? — respondeu Jimmy com a sua proverbial timidez, no dia em que a rapariga lhe deu a notícia.

— Por favor, Jimmy! Quando deixas de lado essa modéstia absurda que preside a todos os actos da tua vida? Assim não irás longe... Tens de ter confiança em ti



CAMARADAGEM DE ARTISTAS: Durante as filmagens de «O homem que sabia demais», de que James foi protagonista, e em que o popular galã francês Daniel Gélin trabalhou pela primeira vez ao serviço dos americanos, Cary Grant fez uma visita ao «plateau», e o fotógrafo do estúdio bateu uma chapa de recordação. Aparecem Sylvie, esposa de Gélin, Cary, Gélin, o marroquino Chraibi, conselheiro técnico do filme, e Jimmy.

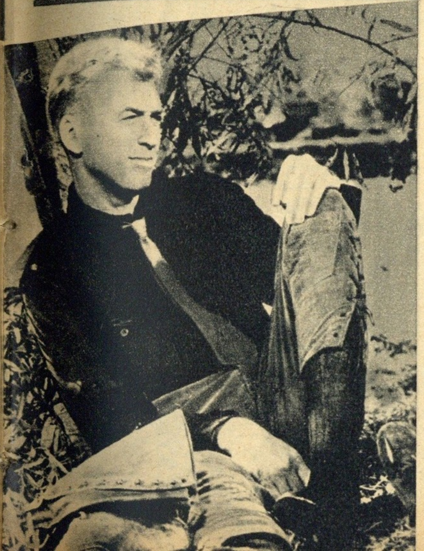
mesmo... Vamos, vamos, não te preocupes, que tudo sairá bem! Aqui tens o lugar onde deves dirigir-te mal chegues a Nova Iorque. Estou certa de que triunfarás. Adeus... e boa sorte — acrescentou a rapariga, dando-lhe um suave beijo na testa.

ALTO e muito delgado, com o seu eterno trajo de «tweed», mascando incansàvelmente o seu «chewing gum», Jimmy atravessava a grandes passadas as concorridas artérias de Nova Iorque, com os seus arranha-céus. Não conhecia ninguém na populosa cidade, nem ninguém o conhecia. Pelo menos assim o supunha. A primeira coisa que fez foi dirigir-se para a Broadway, a fim de ver de perto o lugar onde muito depressa se decidiria a sua sorte. Era de noite: a rua resplandecia de luzes e de letreiros multicores. Por uns instantes, Jimmy sentiu-se desconcertado. Aquilo era muito mais impressionante do que havia sonhado! Lograria ele ver algum dia o seu nome destacado como aqueles, na grande artéria luminosa? Passeou de um lado para o outro observando tudo, saturando-se daquela animação e daquele bulício. De repente, ao passar em frente do teatro Roxy, deteve-se gratamente surpreendido: diante dele, em grandes caracteres, aparecia o nome do seu amigo Henry Fonda, encabeçando a representação duma obra que se encontrava há duzentos dias no palco.

— Caramba, isto, sim, é que é sorte! — disse. — Chegar a Nova Iorque e encontrar o amigo Henry a trabalhar aqui!

Não hesitou um instante. Dirigiu-se ràpidamente à bilheteira, comprou um lugar e entrou na sala. A representação estava já a meio do segundo acto, mas James teve ainda tempo de aplaudir o seu amigo na cena culminante. Fê-lo tão ruidosamente que muita gente se voltou a olhá-lo, surpreendida.

Um instantâneo que retrata fielmente o pachorrento Jimmy Stewart, o rapagão de pernas altas e modos brandos, que não gosta de se exaltar, mas que não deixa de possuir um carácter vigoroso, capaz dos maiores sacrifícios, quando é necessário. É considerado um dorminhoco incorrigível, e dois dos seus passatempos predilectos são tocar acordeão e decifrar charadas.



Naquela noite os dois amigos correram juntos, de ponta a ponta, toda a Broadway. Henry era um «cicerone» excelente e James adquiriu naquela noite, graças aos conselhos do seu amigo, um pouco daquela segurança em si mesmo que tanta falta lhe fazia.

O seu aparecimento na Broadway foi um êxito. A sua forma ingénua de actuar, o seu aspecto de menino crescido, um pouco balbuciante e, sobretudo, a sua absoluta sinceridade, valeram-lhe a favor do público e da crítica. Disse-se, por fim, que havia surgido no teatro um novo tipo de galã, genuíno representante do norte-americano médio, e saudou-se a sua actuação com grandes elogios. O seu sonho de ver o seu nome resplandecendo na fachada dos teatros da Broadway foi ràpidamente uma realidade, uma formosa realidade a que James mal podia dar crédito. E, como era de esperar, um belo dia chegou de Hollywood uma oferta tentadora. A sua revelação no palco não havia passado despercebida para os pesquisadores de talentos da cidade do cinema, desejosos de captar para a tela cada valor novo que surgia. Jimmy terminou a sua temporada teatral na Broadway e mudou-se para Hollywood. No dia em que pôs a sua assinatura no contrato, não conteve o riso:

— Que diria o papá, agora? Realmente, é engraçado o que está a acontecer... Eu... a trabalhar no cinema! Com o meu metro e noventa de estatura!

A sua primeira película foi «Murder Man». No primeiro dia em que se contemplou no «écran», Jimmy comentou para o realizador:

— Que figura! Já viu bem? Sou apenas pés e mãos... e não sei que fazer nem com uns nem com outras... Reconheço-o: nunca poderei ser um bom actor de cinema...

Apesar disso, muito pouco tempo

depois, em 1940, recebia o «Oscar» para o melhor actor do ano pela sua interpretação na «História de Filadélfia», junto de Katherine Hepburn. Ele era o primeiro surpreendido com a sua própria sorte. Uma ou outra vez, dirigia-se aos cinemas, comprava na bilheteira um bom lugar, puxava o chapéu para os olhos para não ser reconhecido e sentava-se só, nas últimas filas, a contemplar a sua própria actuação.

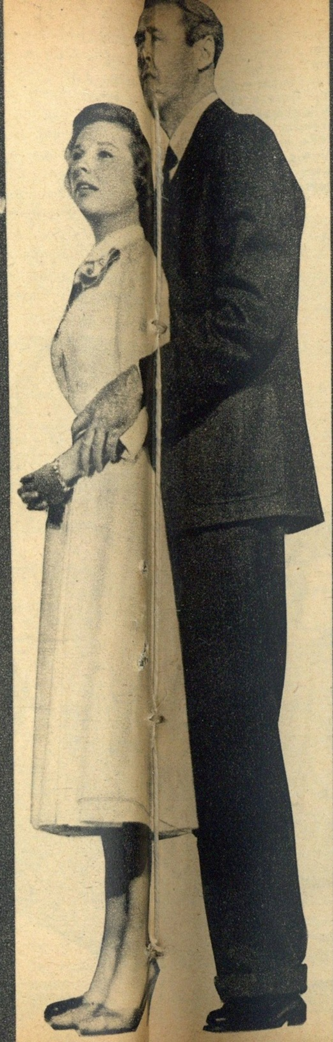
Não, não podia compreender. O que via na tela branca não era mais perfeito para ele que o que vira antes no espelho da sua casa de Passadena. Apesar disso, o seu rosto dilatava-se, às vezes, num sorriso amplo. Se não era um galã — pelo menos na sua opinião — não podia negar-se que era um bom cómico. Ria-se consigo próprio, «ante a sua própria loucura», ante a sua evidente falta de jeito para namorar, por exemplo. Seria verdade que o que havia nele era um palhaço frustado? Não: porque nem sequer chegava a palhaço. E lembrava — como não? — a figura serena de Chaplot, o mestre de todos os cómicos que existiram no mundo do cinema, o homem que fazia rir como um palhaço e pensar como um filósofo.

Também sorria, às vezes, entusiasmado, do incógnito da sua plateia, não ante a sua figura, mas ao contemplar a do seu amor impossível, Margaret, a adorável e adorada, a quem nunca havia deixado de querer. Parecia-lhe em certas ocasiões que a «idolatria» que sentira por ela desde o primeiro momento que a vira, que a ardente paixão que mais tarde se havia aninhado na sua alma, se ia suavizando, derivando para um sentimento mais doce, para um terno companheirismo, semelhante em muitos pontos a isso a que os franceses chamam tão acertadamente «amizade amorosa». Sobretudo, desde que filmaram juntos, em 1938, «O anjo da rua». Mas o certo era que James permanecia solteiro.

Não era porque faltassem na sua vida aventuras reais... mais ou menos fantasiadas nas más-línguas de Hollywood.

A sua amizade por Anita Colby, por exemplo, linda rapariga Anita Colby, por exemplo, Anita Colby, por exemplo, linda rapariga especialista em questões de beleza e maquilhadora oficial de muitas «estrelas», deu assunto aos primeiros murmúrios, à sua chegada a Hollywood. Um solteiro, e um solteiro tão «apetecível» como Jimmy, era sempre, em Hollywood, motivo de conversa. Anita era uma mulher muito inteligente, sem dúvida, conseguindo com a sua desenvoltura e variada conversação afastar a natural timidez de Jimmy. Mas, parece, a amizade de Anita e James não passou disso: de simples «conversação».

Mais insistentes e talvez mais verídicos, foram os rumores em torno do sentimento que podia unir Olivia de Havilland e James. Viam-nos muito juntos; saíam com frequência de noite e chegou a assegurar-se que eram «noivos oficiais». Mas não houve boda. James nunca se decidia a dar o último passo. Numa ocasião, como acompanhara com mais frequência do que a prudência exigia a espectacular Rita Hayworth, os jornalistas lançaram-se sobre ele, à caça de notícias. Mas James recebeu-os sorrindo enigmàticamente e encolheu os ombros. Não disse que sim, nem que não... E então a Imprensa disse que James, em questão de mulheres, era «como a viúva do Conde Laurel, que quer casar e não sabe com quem...». Outro jornalista mais atrevido disse que Jimmy não



se casava, simplesmente porque não conseguira encontrar «a forma do seu pé».

Em certo momento, como o aborrecessem demasiado, Jimmy respondeu:

— Francamente, não podia casar-me com uma mulher que tivesse a cabeça vazia... Gosto das mulheres inteligentes e atractivas... Mas detesto as que se julgam mais espertas do que o são...

Mas, na realidade, o que mais aborrecia James era esta intromissão constante na sua vida íntima. Quando as perguntas eram mais indiscrets do que o conveniente, quedava-se mudo e adoptava uma expressão de aborrecimento mortal. Um dia, um amigo assaltou-o directamente com esta pergunta:

— Ouve, Jimmy, porque não te casas com Olívia?

Então ele, com cara trocista e ar cândido, respondeu:

— Que pergunta! Pois... porque ela nunca me pediu a mão!

O amigo riu muito e continuou:

— A ti o que te acontece é, simplesmente, que pensas demasiado naquele famoso «refrain»: «O matrimónio e o banho têm de ser de repente, porque ao que pensa muito entra-lhe o frio e não se atreve».

— Talvez tenhas razão... Mas a verdade é que...

— Não, não, Jimmy, não sejas tonto e atira-te duma vez! Lembra-te de que a água está deliciosa!

— Não o duvido. Mas, olha, penso que não casarei sem ter feito os quarenta anos. Creio que é então que o homem começa a viver. Para quê fazer desgraçada uma mulher com os nossos caprichos de juventude? Eu quero ser um bom esposo, sonho ter uma mulher «para sempre», um lar e filhos. Sim, não sei a quantas ando, e confesso que começo a aborrecer a solidão. Ser solteiro não é, na realidade, uma glória, asseguro-te. Tem as suas vantagens, é certo, mas tem também uma verdadeira torrente de inconvenientes. Entre outros, o de não poder conservar três meses seguidos a mesma cozinheira. O homem só não gosta de submeter-se a horas fixas para comer... O solteirão, para mais, tem de aprender a remendar as calças, a serzir, a engomar...

Evidentemente, ao dizer isto, Jimmy ironizava, já que este era um dos seus prazeres favoritos. Tomar as coisas a brincar é, talvez, um dos grandes recursos para os tímidos. Vivia só, sim, mas tinha uma bonita casa em Brentwood, onde se encontrava tão bem que saía pouquíssimo, quase exclusivamente para jogar o golfe ou montar na avioneta, que, por fim, havia comprado. O seu entusiasmo infantil pelo voo não se havia apagado, pelo contrário. Agora possuía o seu próprio avião, e eram muitas as vezes que se lançava no espaço em busca de isolamento. Talvez trocasse de cozinheira com alguma frequência, mas Daisy, sua velha ama, tratava-o como um rei. A sua vida era mais cómoda. Sem nenhuma afeição pelo luxo, não podia faltar em sua casa uma grande chaminé e um sofá descomunal, onde podia estender-se com a maior comodidade a qualquer hora do dia e dormir uma sesta, pois Jimmy é um grande dorminhoco. Continuava a tocar acordeão e passava muitas horas junto ao fogo decifrando charadas, outra das suas paixões.

HEROI DA AVIAÇÃO

JAMES teve, na sua infância, um grande sonho: voar! E jurava a si mesmo, nas suas meditações de rapazinho solitário, que, quando fosse homem, havia de cruzar muitas vezes os céus. A infantil deliberação cumpriu-se. Quando estalou a segunda Guerra Mundial, Stewart foi dos primeiros a alistar-se, e escolheu a aviação. Os seus serviços foram de tal modo brilhantes, que várias vezes foi condecorado por actos de bravura em combate, e, ao terminar o conflito, tinha chegado ao posto de coronel. Quando regressou à América, foi acolhido como um herói. E é curioso registar que, tempo depois, voltaria a ser um herói da aviação diante das câmaras cinematográficas, ao interpretar a figura do glorioso Charles Lindbergh na película «Águia Solitária». Assim, na vida como no cinema, Jimmy pôde realizar o seu grande sonho.

NO CINEMA... E NA VIDA REAL

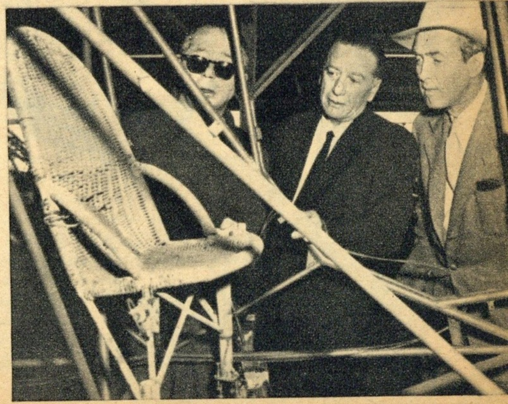




HERÓI DO AR NO CINEMA! Foi assim que vimos James Stewart no filme «Águia Solitária». Ninguém melhor do que ele poderia ter sido escolhido para reviver na tela o feito heróico do famoso aviador Charles Lindbergh, pois fora também um corajoso herói dos céus.

HERÓI DO AR NA VIDA REAL! O coronel James Stewart recebeu, durante os cinco anos da última guerra, várias condecorações brilhantes por actos de heroicidade ao serviço da aviação do seu país. Esta imagem regista o momento em que lhe foi colocada no peito uma das honrosas medalhas que conquistou mercê da sua invulgar coragem e estoicismo.

Durante os trabalhos de preparação do filme «Águia Solitária», o realizador Billy Wilder, o produtor Leland Hayward e o popular «astro» (da esquerda para a direita) visitaram a Smithsonian Institution, onde se encontra o monoplano em que Lindbergh fez o seu histórico voo Nova Iorque-Paris em 33 horas e 30 minutos, abrindo uma nova era para a aviação. Ei-los a observar a cadeira em que Lindbergh se sentou, na sua espantosa aventura aérea.



Mas a grande paixão de Jimmy — à parte a de Margaret — era o seu trabalho. Agora dedicado exclusivamente ao cinema.

COMO intérprete dramático ou cómico, Jimmy converteu-se, sem dúvida, num artista singular. Não havia comparação entre ele e outros famosos «astros» da tela. Não porque fosse melhor ou pior, mais ilustre ou mais insignificante, mas apenas porque era diferente. A sua própria fi-

gura, que tanto o fizera sofrer no princípio, havia-lhe servido para se afastar por completo do tipo «standard» de galã conquistador de beldades. Continuava a possuir esse atractivo, esse «não sei quê», mescla de timidez e inteligência instintiva, com que penetrava até ao fundo da psicologia dos seus personagens. Estes não eram, certamente, muito variados: o talento natural de Jimmy impedia-lhe aspirar àquelas interpretações de tipos trágicos ou arrogantes que costumam ser o sonho de todos os actores teatrais ou cinematográficos. Ele não: nem Don Juan nem Otelo. Só esse pobre rapaz bondoso e enamorado da vida real umas vezes, das «estrelas» outras, mas sempre identificável com o empregadito da esquina ou o rapaz que passa a vender aspiradores e no fundo do qual há uma íntima tragédia. Este era o seu tipo predilecto: o que despertava no espectador o sorriso — não o riso — e ao mesmo tempo, excluía todo o grotesco, para fazer ressaltar apenas o humano. Um palhaço frustado como um dia julgara? Talvez menos, mas também qualquer coisa mais: esse qualquer coisa mais que, quase desde o princípio, descobriu o grande realizador Frank Capra, quando o fez favorito e lhe confiou papéis tão relevantes como os dos protagonistas de «Não o levarás contigo», «Do céu caiu uma estrela», «Peço a palavra», etc. Através destes personagens, mais do que na sua vida íntima, se revelavam na alma de Jimmy os aspectos mais recônditos do seu espírito. Causara grande



As cinéfilas apreciam muito as cenas de amor com o pacato James. Saindo absolutamente da linha clássica do sedutor, incapaz de uma artimanha para conquistar uma mulher, Jimmy atrai as heroínas dos seus filmes pela sinceridade e despretensiosismo de maneiras, com esse seu ar de atrapalhado que não se coaduna com a política do amor. Em «Esporas de Aço», foi a graciosa Janet Leigh quem lhe foi cair nos braços... e não se arrependeu.

estranheza a seus amigos que, apesar do êxito ininterrupto das suas interpretações, não fizesse maior número de películas. Não era, talvez, como alguns diziam, questão de sorte. Era, pelo contrário, uma atitude deliberada. Amava tão profundamente a sua arte que tendia sempre a não fazer senão os filmes de que gostava, a não aceitar senão papéis que convinham à sua figura física e ao seu temperamento. Sobretudo, este último.

O temperamento de Jimmy não era tão simples como parecia. Todos quantos lidavam com ele intimamente estavam de acordo em afirmar que era o amigo esplêndido e «quìmicamente puro»; e, quanto a franqueza, «o norte-americano típico», sem exagero. Chamava as coisas pelo seu próprio nome, não adoptava jamais ares donjuanescos e odiava ser confundido com os tipos de galã romântico do «écran». A sua modéstia era autêntica. O seu falar lento, mas viva a inteligência. A vida de Hollywood não o modificara em nada. Era tão natural e simples como quando despachava pregos atrás do balcão da loja de seu pai em Passadena. Tinha êxito entre as mulheres, que asseguravam que havia qualquer coisa de contraditório na personalidade de James: umas vezes brando como a cera e outras «mais teimoso do que uma mula», como afirmara Jean Arthur, uma das suas melhores amigas. Apesar do seu ar bonacheirão, mais duma vez despedira com má-cara as jovenzinhas que o assediavam para conseguir um autógrafo.

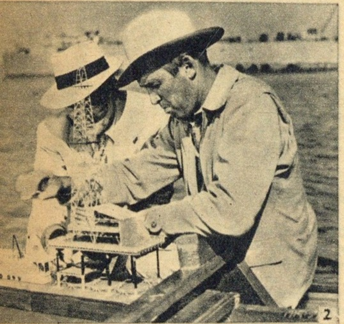
— Por favor, nada de autógrafos. É uma coisa que me chega a crispar os nervos — dizia, apenas vislumbrava uma rapariga com o tímido livrinho na mão. E depois, dirigindo-se ao seu representante: — Ao princípio, isto agradava-me; mas hoje enfurece-me ver que uma rapariga de catorze anos é capaz de permanecer num hotel ou de esperar toda a noite à saída dum teatro, só para obter a assinatura dum actor... É absurdo! Valia mais que se preocupasse com a sua instrução e se preparasse para ser uma mulher útil, que dedicar-se a perseguir heróis imaginários.

Um dia em que se discutia nos estúdios



ANTES DE A CÂMARA RODAR: Com o sorriso tranquilo de sempre, Jimmy prepara o vestuário para uma cena violenta de «Nem sempre o coração manda». Daí a pouco, o sorriso desaparecerá para dar lugar à máscara extraordinàriamente expressiva de um magnífico actor, capaz de nos transmitir os mais dramáticos sentimentos.







JIMMY NA TELA

NÃO são muito vulgares, no cinema, os casos como o de James Stewart, que atingiu uma posição brilhantíssima quer como actor de talento superior, quer como «astro» de cintilante popularidade — duas coisas diferentes que é difícil acontecerem simultâneamente à mesma pessoa. Eis, pois, imagens de algumas películas de um actor «fora de série»...

1) «Harvey», uma comédia saborosíssima que só Jimmy poderia interpretar.

2) «Baía das Tormentas», em quecontracenou com Dan Duryea e Joanne Dru.

3) James é um dos intérpretes favoritos do irreverente Hitchcock. Grace Kelly foi a sua companheira em «A Janela Indiscreta».

4) O saudoso Glenn Miller teve na tela a pessoa ideal para reviver a sua emocionante existência, em «A história de Genn Miller».



1) Mais uma vez sob as ordens de Alfred Hitchcock, em «O Homem que sabia demais», com Daniel Gélin (na imagem) e Doris Day.

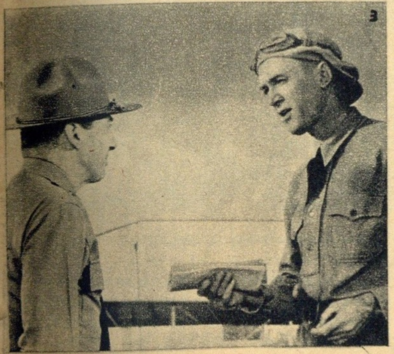
2) James Stewart e June Allyson foram considerados um par cinematográfico perfeito. Ei-los em «Nem sempre o coração manda».

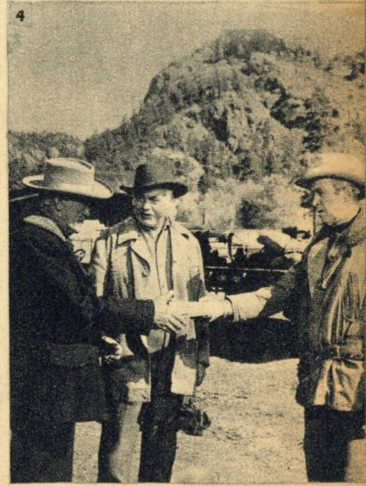
3) Em «Águia Solitária» viveu a epopeia do grande aviador Charles Lindbergh.

4) Num dos seus últimos filmes, «Duelo de Gigantes», em que actuou ao lado de Audie Murphy.







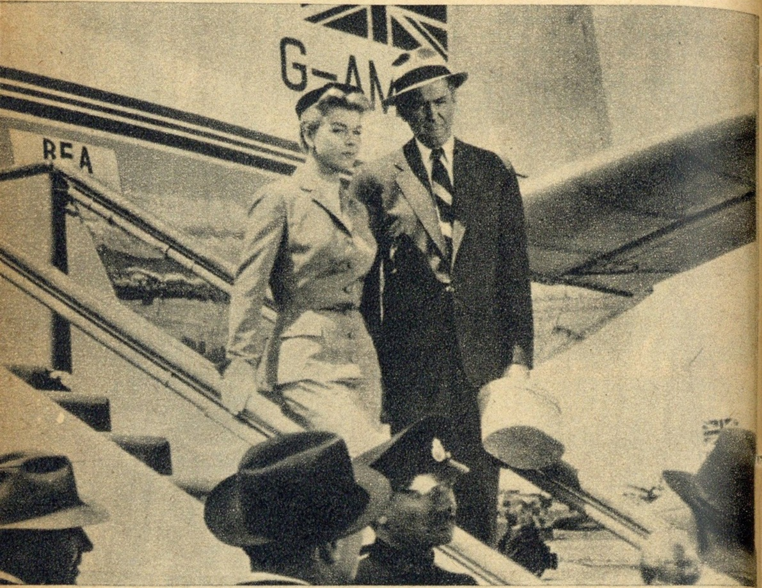


o carácter estranho de Jimmy, uma rapariga que havia saído com ele uma vez, ergueu-se entusiàsticamente em sua defesa:

— Jimmy não é aborrecido como dizem... Se a rapariga que acompanha Jimmy é bastante esperta para fazer vibrar o «sentido do humor» que Stewart possui em abundância, ficará assombrada ao vê-lo transfor-

ram voluntàriamente no exército. Como tudo nele, o actor não pode ser mais simples nem mais tímido. Em 1942, alistou-se como simples soldado na Aviação norte-americana. Durante muito tempo, nada se soube no mundo do cinema acerca dele. Que importava naquela altura o «astro», quando apenas se queria saber do homem? Jimmy era

Quando James Stewart e Doris Day desceram do avião, em Marrocos, para as filmagens de exteriores de «O homem que sabia demais», encontraram um assustador cerco de jornalistas. Ossos... da popularidade!



mar-se como por encanto no mais divertido dos homens... A mim parece-me realmente encantador!

Mas a verdadeira personalidade de Jimmy devia revelar-se durante a última guerra. Foi um dos primeiros «astros» que se alista-

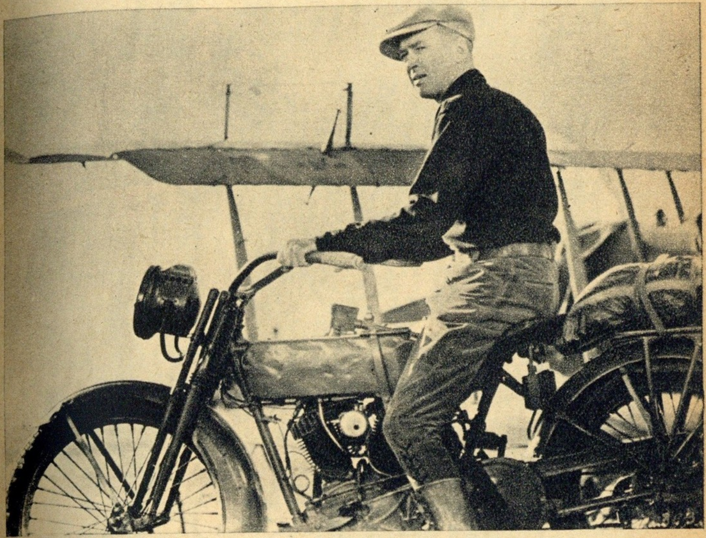
agora simplesmente o que tinha de ser: um soldado.

Longe do mundo do cinema, apesar disso a personalidade daquele «pobre rapaz», seu personagem básico, tomava relevo inesperado. No ataque japonês a Pearl Harbour,

James era simplesmente soldado raso. Sucessivamente, foi ascendendo a alferes e a tenente. Em Julho de 1943 graduavam-no capitão. Comandou uma esquadrilha de bombardeiros sobre a Alemanha e ascendeu a major, isto é, a comandante. A sua folha de serviço não podia ser mais brilhante. Antes de regressar a Hollywood, ao cabo

o «Oak Leaf Cluster». Poucos meses depois, esteve indigitado para que o Presidente Truman o nomeasse governador dum Estado da Confederação americana, e, por fim, durante esse lustro em que o seu nome não apareceu nas resenhas das revistas cinematográficas, nem se estampou nos álbuns das cinéfilas, havia sido nomeado e felicitado

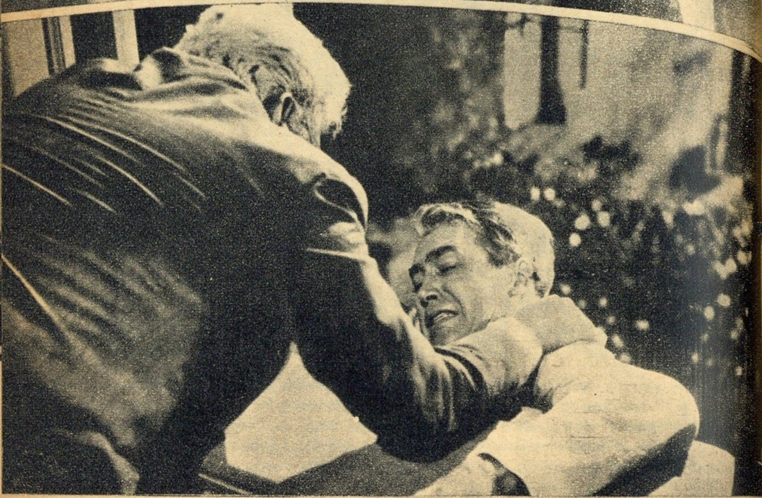
Desde pequeno que Jimmy sempre foi um entusiasta dos desportos, muito mais pela emoção que lhe porporcionam do que pelo desejo de desenvolver o físico, pois que esse aspecto da sua pessoa nunca teve qualquer importância para ele. Mesmo durante as filmagens de uma película, o «velho» Jimmy não deixa de procurar qualquer emotiva actividade desportiva, a que se entrega nos espaços de tempo livres. Neste caso, serviu-se de uma esplêndida moto para saborear os prazeres da velocidade. Quem havia de dizer que o pachorrento Jimmy gostava de emoções fortes?!



de cinco anos de ausência, o tímido Jimmy havia-se transformado no coronel James Maitland Stewart. Havia ganho as suas honras, comissões e ascensões sucessivas, havia sido condecorado com a Cruz de Guerra, com a Cruz dos Serviços Aéreos Distintos e com

tantas vezes que poderia encher, pelo menos, as páginas dum comprido contrato cinematográfico. Ao terminar, comandava o Segundo Grupo de Bombardeiros e Combate da Oitava Força Aérea, que corresponde ao grau equivalente ao do nosso brigadeiro.





Um homem pacato

...QUANDO O CINEMA NÃO O METE EM COMPLICAÇÕES!

QUE Jimmy é um homem essencialmente pacato, já o sabemos. A sua maneira de ser é um verdadeiro exemplo de serenidade, e poucos serão aqueles que se poderão gabar de o ter alguma vez ouvido levantar a voz. Gestos lentos e palavras reflectidas, leva qualquer pessoa a afirmar, à primeira vista, que ele seria incapaz de dar um murro a alguém. Na tela, o seu tão conhecido temperamento permanece intacto, e por isso os seus papéis mais relevantes são sempre, além do mais, revestidos da mais desconcertante simplicidade. Mas o pior... é quando o cinema o mete em complicações! Então é que ele não tem outro remédio senão dizer adeus à sua peculiar tranquilidade de espírito, e tomar as atitudes enérgicas que as situações lhe exigem. Quando todos julgam, porém, que Jimmy, com o seu ar de criança grande, aversa a complicações, não conseguirá sair das «camisas de onze varas» em que os realizadores o obrigam a cair inopinadamente, recebemos todos a surpresa de o ver transformar-se ràpidamente num homem astuto, decidido e até violento, à altura dos maiores perigos e dos mais duros problemas. Estas imagens ilustram alguns desses momentos: à esquerda, em cima, sabe livrar-se de uma situação embaraçosa em «O homem que sabia demais», e em baixo, luta com um terrível assassino em «A Janela Indiscreta»; à direita, enfrenta corajosamente um grupo de malfeitores em «Duelo de Gigantes».



HAVIAM-SE esquecido, entretanto, em Hollywood, do tímido James? Certamente que não. Próximo ao seu regresso, os seus amigos, ao corrente da sua admirável carreira militar, falaram largamente acerca de quanto havia mudado o fracote e magro Stewart. Se o êxito artstico não lhe havia subido à cabeça, não havia dúvida que não teria podido resistir à glória militar sem se desvanecer. Motivos não faltavam para que fosse agora, como tantos outros, um vaidoso que olhasse para as pessoas por cima do ombro... não precisamente devido à sua estatura.

— Em todo o caso — comentavam — o que é evidente é que a carreira artística de Jimmy terminou para sempre. Cinco anos ausente de Hollywood é muito tempo. Para mais, agora desdenhará ser um actor de cinema ou não se conformará com os papéis que, pelo seu tipo e temperamento, lhe destinem. Certamente que quererá a todo o custo representar papéis de herói: Alexandre Magno ou coisa no estilo... E não há dúvida de que esse género de papéis não assenta ao pobre Jimmy, por muito herói que tenha sido na realidade... — concluíam, entre irónicos e desdenhosos, os amigos.

Mas a chegada de Jimmy a Hollywood bastou para afastar imediatamente todos os receios.

— Meu querido brigadeiro... — começou um dos seus conhecidos, no momento das boas-vindas...

— Vamos, vamos, rapaz! A quem te diriges? Se sempre me chamaste Jimmy, a que vem agora isso? — respondeu, deixando todos com a boca aberta.

E via-se que tinha sérios aborrecimentos com aqueles que pretendiam o relato das suas façanhas guerreiras em tom enfático ou solene. A princípio, isto desorientou um pouco. Tinha-se construído a ideia de que iriam encontrar um Jimmy completamente diferente do anterior; mas imediatamente toda a gente concordou que era muito mais agradável que Jimmy continuasse a ser para eles simplesmente Jimmy.



Poucos actores como James Stewart conseguem chegar tão fundo ao coração dos espectadores. O seu rosto transmite-nos com invulgar intensidade as mais diversas reacções dos personagens que interpreta, sem necessidade de esgares a que muitos actores consagrados recorrem para arrebatar as plateias.

Jimmy tinha pressa em voltar a vestir o seu fato civil. E tanta pressa teve que o vestiu cheirando ainda a naftalina. Mas que importava isso a Jimmy naquele momento? Encontrou a sua casa de Brentwood quase exactamente como a havia deixado. Foi uma grande alegria para ele... ainda que se sentisse mais só do que nunca. O retrato de Margaret, colocado sobre a chaminé, presidia a tudo. James olhou-o longamente, e depois, com ar decidido, pegou na fotografia e guardou-a numa caixa.

Naqueles primeiros dias choveram sobre ele verdadeiras torrentes de convites para festas de boas-vindas, reuniões e «partys» de todo o género. Mas a verdade é que Jimmy tinha, acima de tudo, vontade de estar tranquilo e escusou-se como pôde de toda a espécie de honras e homenagens. Como todos aqueles que viveram intensamente a guerra, tentava esquecer-se dela o mais ràpidamente possível, do mesmo modo que, enquanto fora soldado, conseguira esquecer por completo a sua personalidade de actor. Naquela altura, só desejava recobrar a sua antiga personalidade, «meter-se



Frank Capra, um dos mais extraordinários realizadores do cinema mundial, foi quem primeiro e melhor soube avaliar em toda a sua profundidade a personalidade artística de Stewart, escolhendo-o para protagonista de algumas das suas inesquecíveis obras-primas.

na sua própria pele», como costumava dizer aos seus companheiros.

De todos os modos, a reincorporação de James nas suas antigas actividades não deixou de preocupar muita gente. Entre elas os directores da Metro. Esta grande firma produtora era a que havia realizado as últimas e mais sensacionais produções de Jimmy. Agora Stewart negou-se a firmar contrato com ela... ou com qualquer outra. Decidiu manter-se livre para poder seleccionar melhor o seu trabalho. Falou-se então em que James se tornaria produtor. Mas o «astro» desmentiu rotundamente tais rumores:

— Sou actor e nada mais do que actor. Depois de estar dez anos a aprender a minha profissão, seria bem tolo se procurasse outra. Representar é o que sei fazer melhor.

E tão bem o soube fazer depois daqueles cinco anos de ausência dos estúdios, que ofereceu ao mundo inteiro essa filigrana de naturalidade e encanto que se intitulou «Do céu caiu uma estrela», dirigida pelo grande Frank Capra e ao lado da bela Donna Reed.



A última Grande Guerra afastou James dos estúdios durante cinco anos. Quando ele regressou, muitos afirmaram que já não poderia readquirir o prestígio que tivera como actor. Enganaram-se. Jimmy provaria ràpidamente que a guerra ainda mais amadurecera o seu talento, e que o público o esperara fielmente.

REALMENTE, Jimmy tinha, neste aspecto, singular sorte. As suas «partenaires» eram sempre belíssimas mulheres. Também correram, nessa ocasião, por Hollywood os consabidos murmúrios, tanto mais que Jimmy declarava agora, a quantos queriam ouvi-lo, que se havia cansado da sua existência de solteiro.

Esta declaração fez bater o coração de várias «estrelas» de Hollywood, já que Jimmy continuava a ser o solteiro mais «apetecível» da cidade do cinema. A primeira notícia certa duma possível claudicação do empedernido solteirão, deu-a precisamente o seu amigo Henry.

— Não adivinham quem vi esta tarde? — disse um dia, ao chegar aos estúdios. — Pois nada menos do que o nosso Jimmy em companhia duma dama... e dois rapazitos... comprando brinquedos numa loja de Beverly Hills...

A notícia caiu como uma bomba. Muitos não queriam acreditar no que lhes assegurava Henry. Ele não soube dar notícias concretas. A dama chamava-se Glória Hatrick

McLean, tinha-se divorciado recentemente e tinha dois filhos do seu casamento. Haviam-se conhecido numa festa em casa de Clark Gable e parecia que a flecha do Cupido havia atingido ambos.

Desta vez, James não negou a seriedade do seu noivado. Pela primeira vez, exibiu-se agradado ao lado duma mulher, declarando-se enamorado dela e disposto a fazê-la sua esposa.

— És maravilhosa, querida — disse-lhe no dia em que ela aceitou ser sua mulher. — E foi providencial encontrarmo-nos neste momento os dois livres. Amo-te, sobretudo porque és a antítese de quantas mulheres conheci até hoje...

Muito se falou e se comentou em Hollywood durante os dias que precederam a boda. Por fim, casou-se Jimmy Stewart! O que teria feito a jovem divorciada para conquistá-lo dum modo tão fulminante? Algumas despeitadas asseguravam que se tratava apenas dum novo devaneio. Mas o certo foi que houve bênçãos e marcha nupcial. A boda foi solene. Assistiu pelo menos meia Hollywood, e outra meia espreitou, murmurou... e, por fim, aprovou, elogiou. Realmente, não podia ver-se par mais perfeito do que o formado por Jimmy e Glória. E começou a observar-se que Jimmy ia perdendo, pouco a pouco, o seu «tic» característico: já não coçava a orelha esquerda com a mão direita. A verdade era que tinha agora as mãos muito ocupadas, dando-as pela rua aos dois preciosos filhitos de sua esposa, a quem realmente adorava. E que não tardaram em receber agradàvelmente no novo lar outros irmãozitos. Duas raparigas gémeas cuja chegada a este mundo converteu Jimmy no homem mais feliz da terra.

Ronald, Miguel, Judy e Kelly. Toda uma família! Entre ela, Jimmy era como um menino grande de pernas compridas e cabelos prateados. Este homem que parecia haver esquecido que fora um herói na guerra, que pilotara um avião e tomara parte em perigosas missões, que nunca falava de si próprio, não se cansava agora de falar dos seus filhos.

— As petizas são encantadoras — declarou em certa ocasião a um jornalista. — Já estão perto dos três anos. Coisa curiosa: são absolutamente diferentes. Judy não se parece em nada com Kelly. Até de carácter são distintas.

— E qual é a mais amimada? — perguntou, indiscreto, o jornalista.

Jimmy coçou a testa e tardou um pouco a responder.

— Francamente não sei... Amimada? Creio que os meus quatro filhos estão bastante amimados... Aos quatro quero por igual. Todos têm os seus pontos bons... e as suas horas difíceis. Os rapazes, já se sabe... E os pais... somos mais ingénuos do que eles quando lhes queremos de verdade.

Simplicidade, naturalidade... Esta é a chave do carácter de Jimmy, o jovem insignificante que incarnou no «écran» o «homem da rua americano». O rapaz tímido e vulgar que se julgava desprovido de qualquer atractivo, mas a quem as pessoas encontravam um «não sei quê» que o ajudou a triunfar na vida. Depois do seu casamento feliz, Jimmy ofereceu ao mundo interpretações tão magníficas como as de «Música e lágrimas», «O maior espectáculo do mundo», «Não há caminhos no céu», «Winchester 73», «Creio em ti», «Harvey» e «Volta ao meu coração». Os bondosos personagens que vivia em todos os seus filmes, tão identificados, não só com o seu labor artístico mas com a sua própria maneira de ser, têm feito rir e chorar milhares de espectadores, despertando neles esse sentimento de gratidão para com os seres e as coisas, para com a existência que, ainda que por vezes nos pareça amarga, nos leva sempre a exclamar como o personagem tão excelentemente interpretado por Jimmy em «Do céu caiu uma estrela»: «Que belo é viver!».

FIM

ELE E AS MULHERES...

O ex-rei dos solteirões visto por 3 mulheres que o conhecem bem



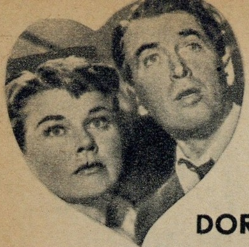
Uma imagem que recorda os primeiros tempos da carreira de James Stewart. Bastou um filme para que ele se tornasse num dos solteiros mais requestados da capital do cinema, apesar da sua figura demasiado alta e magra, e do seu ar de atrapalhado. Aqui o vemos com a actriz Virgínia Bruce, numa estreia de gala. Muitos anos se passariam, no entanto, sem que Jimmy se decidisse a dar o nó sagrado.

Ao referirmo-nos à faceta sentimental-amorosa de Jimmy Stewart, devemos logo começar por dizer que nunca um solteiro tão apetecido pelas mulheres se deve ter conservado tanto tempo sem casar. Constitui, de facto, quase um mistério a longa vida de celibatário que James levou até aos quarenta anos, altura em que finalmente contraiu matrimónio, não com qualquer jovenzinha de exuberante beleza, das tantas que o rodearam desde que apareceu na cidade do cinema, mas com uma senhora de trinta anos, já divorciada e com dois filhos. Até mesmo a própria escolha que fez, virando sistemàticamente as costas a todas as moças formosas que esvoaçavam em torno dele, é motivo de estranheza, tendo em conta, para mais, o ambiente de idílios super-abundantes que é Hollywood.

Claro que haverá, por certo, uma explicação para a maneira como Jimmy desde sempre encarou o seu casamento, e talvez a possamos encontrar nestes comentários de três famosas «estrelas» que são suas amigas íntimas:

DORIS DAY

«Fiz há pouco tempo um filme com James Stewart chamado «O homem que sabia demais». Quis referir-me ao título desta película exactamente porque me parece que ele encerra a chave do segredo que sempre levou Jimmy a andar «de pé atrás» com as mulheres. Creio que, talvez por ser dotado de um sexto sentido, o meu amigo Stewart foi, desde muito novo, um «homem que sabia demais» acerca do sexo oposto, não porque fosse um conquistador experimentado, mas precisamente pelo contrário, porque nada entendia da complicada «engrenagem interior» que existe (tenho de confessá-lo) em todas nós, mulheres... Embora possa parecer um absurdo, estou certa de que foi esse desconhecimento quase completo do espírito feminino que permitiu a Jimmy não se deixar dar um passo em falso no campo do casamento, embriagado por uns olhos sonhadores ou por uma simpatia mais ou menos frívola. Homem sensato, para quem as aventuras amorosas não tinham qualquer significado, James sempre teve medo de errar em relação a qualquer mulher, e foi exactamente esse receio que o levou a acertar em cheio no alvo da felicidade. Casou muito tarde, mas não se enganou. E a mulher que casou com ele, também não se enganou».



DORIS DAY



GRACE KELLY



JUNE ALLYSON

GRACE KELLY

«Fiz um único filme com James, «A Janela Indiscreta», mas tive, durante a minha estadia em Hollywood, oportunidade de conhecer bem esse gigante de corpo e de bondade que toda a gente estima e admira. Assisti ao seu casamento com Glória Mc Lean, e pude observar o brilho de felicidade que saltava das suas pupilas de quarentão farto de esperar por uma mulher que o compreendesse verdadeiramente, e que ele, por seu lado, tomasse absolutamente a sério. Se me perguntarem qual a minha opinião acerca do motivo por que Jimmy levou tantos anos a decidir dar o nó matrimonial, eu responderei imediatamente, com toda a convicção. Ele sabia perfeitamente qual era a mulher que procurava, e sabia também que se casaria logo que a encontrasse. Simplesmente, não teve a culpa de que ela aparecesse tão tarde. Quanto a mim, não há, pois, nenhum mistério a envelver o longo celibato do grande artista. O facto de ele nunca ter querido arriscar-se a asneiras sentimentais, é uma deliberação bastante digna que, longe de criticar, todos devem respeitar».

JUNE ALLYSON

«Se há pessoas que conhecem profundamente Jimmy, eu sou uma delas. Já quase não têm conta os anos de camaradagem e de sólida amizade que nos unem. Por isso mesmo não estranhei que, recentemente, quando fizemos dois filmes juntos («A história de Glenn Miller» e «Nem sempre o coração manda») nos considerassem um par ideal do cinema. Era muito natural que assim fosse, visto que conhecíamos muito bem as reacções um do outro, as nossas personalidades e, além disso, ligava-nos uma confiança e uma intimidade extremas. Essa mesma circunstância permite-me fazer uma afirmação acerca do pretenso enigma do celibato de Jimmy. Ninguém ignora que, ainda antes de ter sido levado para Hollywood, Stewart se enamorou da actriz Margaret Sullavan. Para outro qualquer, isso não teria passado, com certeza, de um sentimento passageiro, de que se esqueceria três semanas depois. Mas Jimmy era diferente. Aquele foi o grande amor da sua vida, um amor impossível que permaneceu teimosamente no seu coração. De tal modo que, quando regressou da guerra, então já quase com quarenta anos, o retrato de Margaret esperava-o sobre uma mesa, na sua casa de Brentwood. Penso, portanto, que esse amor desiludido dos vinte anos foi o motivo forte que conservou James solteiro durante tanto tempo».







N. 31

PREÇO **2$00**